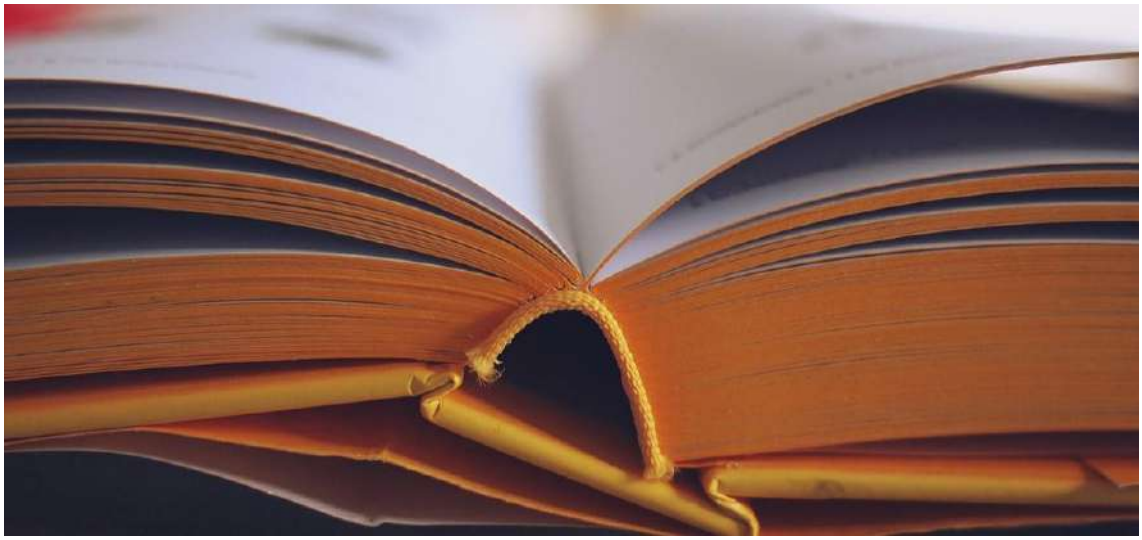


DUAS DE LETRA

GRUPO DE LEITORES DA BIBLIOTECA

FACULDADE DE PSICOLOGIA | INSTITUTO DE EDUCAÇÃO

UNIVERSIDADE DE LISBOA

Julho 2020

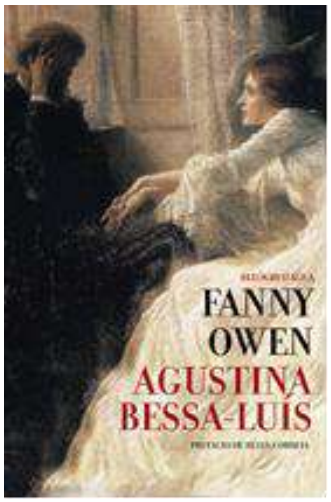
GUIA DE LEITURA

Fanny Owen – Agustina Bessa-Luís

AGUSTINA BESSA-LUÍS

Biografia: Agustina Bessa-Luís faleceu no dia 3 de junho de 2019. Conhecida não só como romancista, mas também como autora de peças de teatro, guiões de cinema, biografias, ensaios e livros infantis, a bibliografia da escritora conta com mais de meia centena de títulos. Nascida em Vila Meã, em Amarante, a 15 de outubro de 1992, desde tenra idade se interessou por literatura. Esta paixão deveu-se em parte à influência do seu avô. Filha de um empresário e de mãe descendente de famílias espanholas, passou a sua infância em vários lugares do Norte e Douro de Portugal. Morou no Porto, Vila Nova de Gaia, Póvoa de Varzim, Águas Santas e Vila do Conde, lugares que vieram a servir de inspiração para a sua escrita. A sua estreia literária deu-se com Mundo Fechado, em 1949. No entanto, foi com o romance A Sibila (1954) que Agustina Bessa-Luís ganhou voz no panorama literário português. Foi autora de diversos romances que foram adaptados para o cinema por Manoel de Oliveira, tais como Fanny Owen (Francisca) e Vale Abraão e as Terras de Risco (O Convento). Foi também autora de peças de teatro e guiões para televisão, tendo o seu romance As Fúrias (1977) sido adaptado para teatro em 1995, com encenação de Filipe La Féria. Agustina Bessa-Luís ocupou ainda cargos de destaque. Foi diretora do diário *O Primeiro de Janeiro,* no Porto. Entre 1990 e 1993, foi diretora do Teatro Nacional D.Maria II e foi membro da Alta Autoridade para a Comunicação Social. Foi ainda membro do Conselho Diretivo da Comunitá Europea degli Scrittori, em Roma, entre 1961 e 1962. Venceu importantes prémios e distinções. Destacam-se o o prémio Vergílio Ferreira (2004), pela Universidade de Évora e o prémio Camões (2004). Foi distinguida com a Ordem de Sant'Iago da Espada, em 1980, e a Medalha de Honra da cidade do Porto, em 1988. Recebeu ainda o grau de "Officer de L'Ordredes Artes etdes Lettres", pelo governo francês, em 1989. Agustina Bessa Luís faleceu a 3 de junho de 2019, com 96 anos, no Porto. A escritora deixou um legado de mais de 40 obras de ficção, seis biografias, cinco obras de teatro e cinco livros de literatura infantil, para além de muitos ensaios e crónicas. *(Por Patrícia Silva, Comum Online)*

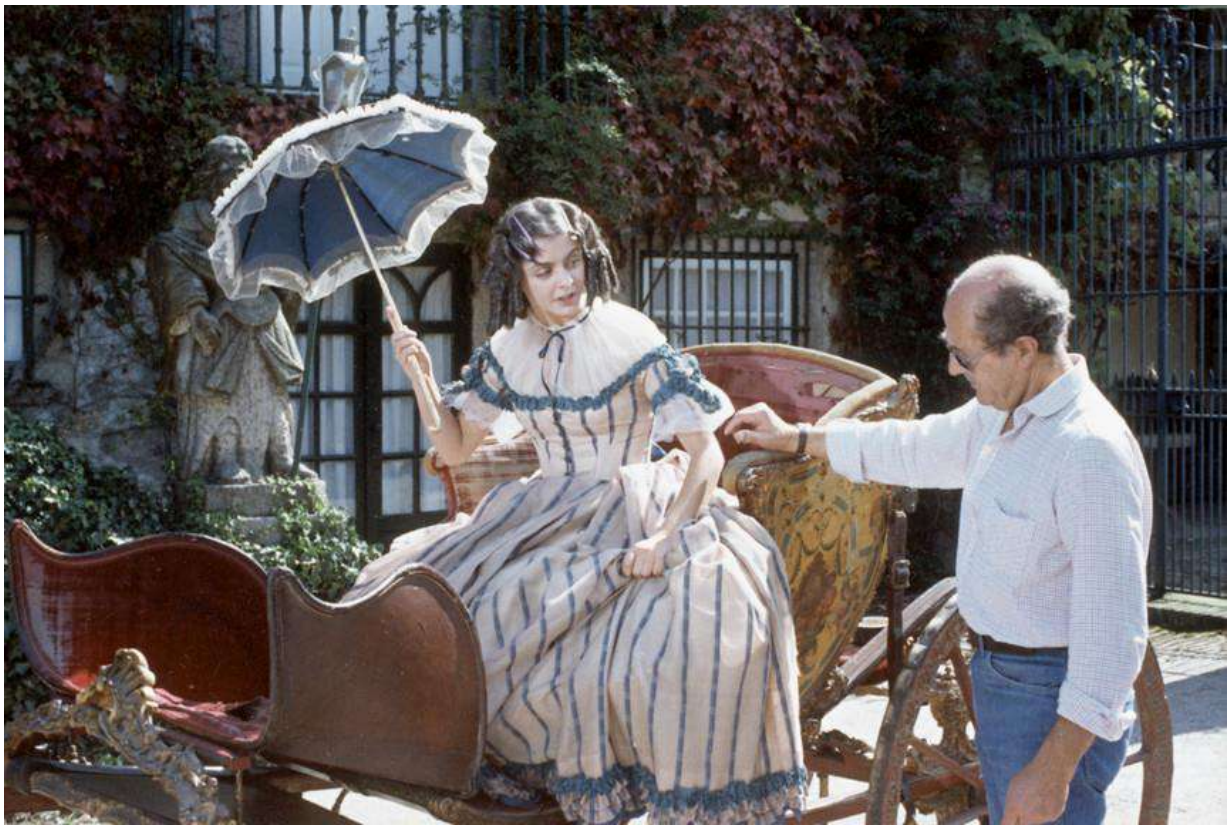
Sinopse de *Fanny Owen:*



Fanny Owen é um romance de 1979 de Agustina Bessa-Luís. Conta o relacionamento entre José Augusto, homem rico, culto, de hábitos fúteis e de insípido prazer, apaixonado por uma mulher inglesa, a formosa Fanny Owen. A escritora faz do escritor Camilo Castelo Branco um personagem do livro. A história tem relevo em meados do século XIX, na cidade do Porto onde a decadência da burguesia desenha cada linha e cada página. E tudo isso gira em torno da essência e consciência humana, nas suas expressões mais sublimes e mais desventuradas. Este romance serviu de base ao filme de Manoel de Oliveira "Francisca". A casa onde viveu Fanny Owen fica em Vilar do Paraíso, em Vila Nova de Gaia.

Agustina no cinema: uma relação fecunda com Manoel de Oliveira

Francisco Ferreira / EXPRESSO 03.06.2019 às 20h01



Teresa Meneses e Manoel de Oliveira na rodagem de "Francisca", a primeira colaboração entre o cineasta e Agustina Bessa-Luís

Agustina Bessa-Luís e Manoel de Oliveira já se conheciam há longos anos da burguesia intelectual do mesmo Porto e do mesmo Douro que tanto vincaram as suas obras quando, no termo dos anos 70, o cineasta decide adaptar pela primeira vez um livro da escritora. "Fanny Owen" é publicado em 1979, o filme rodado em 1980 (com Teresa Menezes, Diogo Dória e Mário Barroso) e estreia-se no ano seguinte com o aportuguesado título de "Francisca"

Leitora acérrima de Camilo Castelo Branco, Agustina focara-se em amores funestos, nas mulheres virgens e inalcançáveis e nos homens sombrios e egoístas que as observam, seguindo dois amigos que

existiram de facto no século XIX, José Augusto Pinto de Magalhães e o próprio Camilo, e que, a uma dada altura, amaram de formas desiguais a mesma mulher, descendente de um militar inglês, Fanny. Nunca ninguém soube porque é que o primeiro, que com ela casou, jamais quis consumar o casamento. E esta era uma matéria oliveiriana por excelência: “Fanny Owen” está na origem do filme que encerra na obra do cineasta a chamada “tetralogia dos amores frustrados”.

Obra-prima incontornável de Oliveira, “Francisca” não é apenas a história de um triângulo infernal devorado por uma aliança de morte: é também o filme que sela o início da mais fecunda - e a espaços tumultuosa - relação profissional das artes e letras portuguesas dos últimos quarenta anos, com o seu apogeu na década de 90. Em 2009, numa das várias entrevistas a Oliveira publicadas no Expresso, o cineasta contou-me como Agustina o ajudou a moldar tantas figuras femininas no seu cinema: “A conceção que ela tem da mulher, embora um pouco enigmática - e por vezes absurda -, é muito penetrante. Valoriza a mulher ao extremo. É que a Agustina é uma escritora vulcânica. Aquilo vem lá dos confins da Terra e da memória.”

Foi Oliveira, durante uma viagem a França, quem propôs a Agustina atualizar a Bovary de Flaubert pela sua pluma (feminina) nos ambientes durienses que ela conhecia melhor que ninguém, esperando o tempo que fosse necessário até ela o terminar. E assim foi. Esse livro, denso e sublime, quase sem diálogos, escreveu-o Agustina, sabendo que Oliveira o iria em seguida adaptar, até violar: mas nunca esta relação de trabalho 'à distância' seria tão fusional e siderante como o foi em “Vale Abrãao” (1993).

As colaborações continuariam ao longo de toda essa década: em “O Convento” (1995), uma vaga versão de “Fausto”, de Goethe, rodada na Serra da Arrábida com elenco internacional (John Malkovich e Catherine Deneuve ao lado de Luís Miguel Cintra e Leonor Silveira) e filme que não agradou de todo à escritora (Oliveira partira de uma ideia dela, mas com um argumento seu); em “Party” (1996), com um estranho jogo de sedução entre casais e a ameaça do mito de Don Juan filmados numa garden party na ilha de São Miguel, nos Açores; em “Inquietude” (1998), filme dividido em três histórias, com uma delas

(“Mãe de um Rio”) da autoria de Agustina; por fim, já após a viragem do século, em “O Princípio da Incerteza” (2002), realizado a partir do romance “Jóia de Família”, e em “Espelho Mágico” (2005), inspirado em “A Alma dos Ricos”. E após a morte de Oliveira, em 2015, foi possível ouvir-se, enfim, os magistrais diálogos de ficção que Agustina escrevera para “Visita ou Memórias e Confissões” (com aqueles dois intrusos que entravam na casa que Oliveira já então vendera depois de contemplarem a magnólia do jardim…), nesse filme rodado logo a seguir a “Francisca” (entre 1981 e 1982) e que Oliveira quis, pelas memórias e confissões do título, que fosse póstumo.

No cinema, Agustina não foi, contudo, um exclusivo de Manoel de Oliveira. Em 2005, Rita Azevedo Gomes adaptou um texto original da escritora em “A Conquista de Faro”, curta-metragem com “uma história de bigamia e dupla traição onde as personagens centrais são Dom Afonso III e uma moura, por quem se enamorou.” Três anos depois, com Ana Moreira, Ricardo Aibéo e Rogério Samora no elenco, João Botelho adaptou “A Corte do Norte” e o enigma de uma atriz do teatro português da segunda metade do século XIX caída em desgraça e que mais tarde se cruza com a imperatriz Sissi, de férias na Ilha da Madeira. Por fim, e também de Rita Azevedo Gomes, o recente “A Portuguesa”, adaptação de um conto de Musil a partir de diálogos da grande escritora que hoje nos deixa. Tal como nos disse Rita Azevedo Gomes em março, “pedi a Agustina que escrevesse o guião, isto por volta de 2006/2007. Recebi meia dúzia de páginas, magníficas, essencialmente diálogos com breves didascálias. Foi provavelmente das últimas, senão a última coisa, que Agustina escreveu [antes de adoecer].”

Ano Agustina: o triângulo amoroso de ‘Fanny Owen’

por Miguel Fernandes Duarte

28 Janeiro, 2018

Comunidade, Cultura e Arte

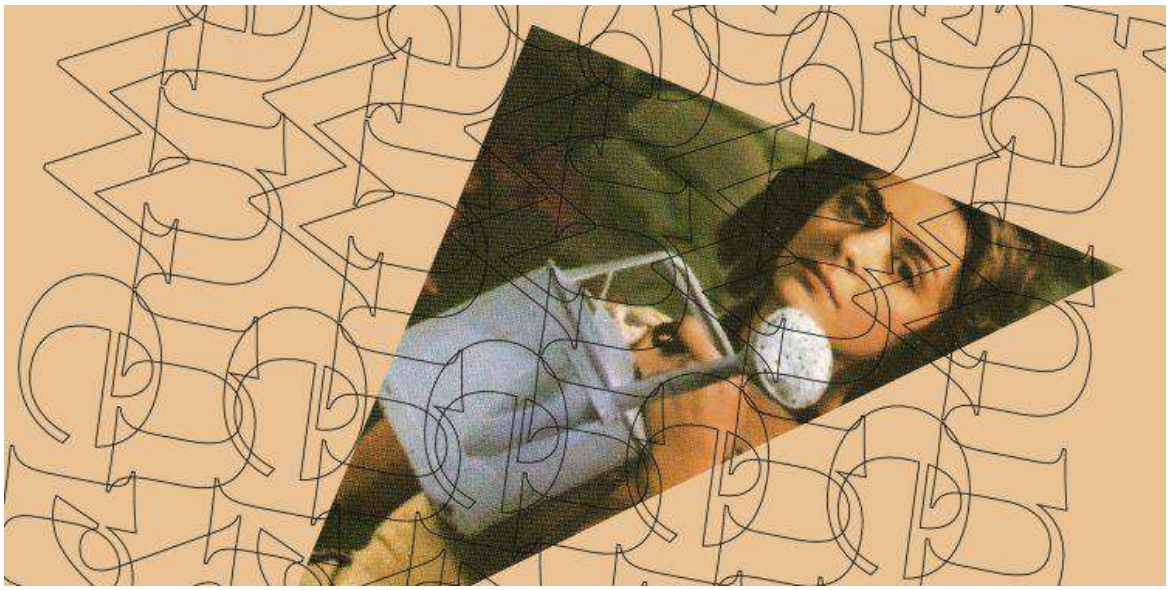


Ilustração de Luisa Silva Gomes / CCA

*Este artigo faz parte do **Ano Agustina**, no âmbito do qual, ao longo de 2018, a Comunidade Cultura e Arte lançará, a cada mês, uma crítica a um livro da obra de **Agustina Bessa-Luís**, neste momento a ser reeditada pela editora **Relógio d’Água**.*

No Porto do séc. XIX, dois amigos boémios apaixonam-se pela mesma jovem mulher, sendo que um deles, intimado pela mesma, a rapta para com ela se casar por procuração. As expectativas face à relação saem, no entanto, goradas, e, no espaço de um ano, ela morre, enferma, de desgosto, vítima de tuberculose; um mês depois morre ele, em Lisboa. A jovem mulher era Fanny Owen, filha do coronel Hugh Owen, inglês combatente na guerra peninsular, fixado em Portugal após casamento com D. Maria Rita, filha de um abastado comerciante de vinho do Porto e educada “na corte de Carlota Joaquina, o que não era garantia nenhuma de educação.” Os dois amigos José Augusto de Magalhães – o raptor de Fanny -, morgado e medíocre poeta, e o outro Camilo Castelo Branco, o tal que se tornou um dos maiores escritores da língua portuguesa.

Partindo desta história verídica, Agustina Bessa-Luís escreve em 1979 o romance histórico *Fanny Owen*, após, segundo a própria, Manoel de Oliveira lhe ter pedido

para escrever os diálogos de um filme que ele quereria fazer sobre Fanny Owen, e que veio a ser *Francisca*, de 1981. Oliveira desmente em posterior entrevista que tenha sido ele a pedir algo a Agustina, afirmando, como indica Hélia Correia no prefácio à mais recente edição do livro pela Relógio d'Água, que "não houve nenhuma combinação prévia. Li o livro e fiquei encantado porque a ideia de fazer *Fanny Owen* já a trazia comigo há muito tempo." Quer se concorde em qual das versões está a verdade ou não, é um facto que a história deste dramático triângulo amoroso, que Agustina decide contar, marca também a primeira colaboração entre a escritora e o realizador Manoel de Oliveira.

'Francisca' (1981), de Manoel de Oliveira

Fanny Owen é relato dos acontecimentos, de como evolui a relação entre as três personagens, de como se processa a relação amorosa que culmina na morte do casal, mas é, muito mais que narrativa, análise das motivações das personagens, retrato racional de situação fogosa, com o distanciamento que permite a Agustina não cair nos exageros dramáticos das personagens. Nesse sentido, *Fanny Owen* é, mais do que apenas romance, um cruzamento com o ensaio – na medida em que é reflexão – e talvez por aí lhe chegue a fama de ser uma escritora de leitura difícil, com uma linguagem talvez um pouco arcaica, porque ler Agustina é ter de penetrar a fundo no significado do que escreve, é não ter medo de seguir até às últimas consequências o que afirma, ainda que à partida nos julgássemos distantes de semelhantes expressões ou pensamentos. Não poupando ninguém e

por entre mordaz sarcasmo, Agustina traz, ao profundo dramatismo da história real, a clarividência da sua escrita que, embora de intricado pormenor, flui de forma alcançável a muito poucos na língua portuguesa; lista onde se inclui certamente Camilo que, apesar do título focar a atenção na personagem feminina, faz, com José Augusto, uma parelha de personagens principais, com toda a primeira parte do livro dedicada ao desenvolvimento da amizade de ambos, antes ainda de se deixarem envolver pela figura de Fanny.

Desde o início que a relação entre ambos foi ambivalente, uma amizade mantida "mais pela confiança nos seus enigmas do que pela solidariedade nas expansões", mas a verdade é que, apesar do desprezo posterior de Camilo face a José Augusto, "havia de facto uma afinidade entre a alta inteligência de Camilo e a limitação intelectual e moral de José Augusto: ambos eram insensíveis à aparência das coisas e buscavam nelas o real. Mas enquanto José Augusto não era sacudido da sua imobilidade senão através dos sentidos, Camilo não podia conceber outro processo senão o de ordenar os seus conceitos de acordo com as experiências." É nesta relação meio bipolar que floresce a história, e é assim que ambos conhecem as duas filhas do coronel Owen e de D. Maria Rita.

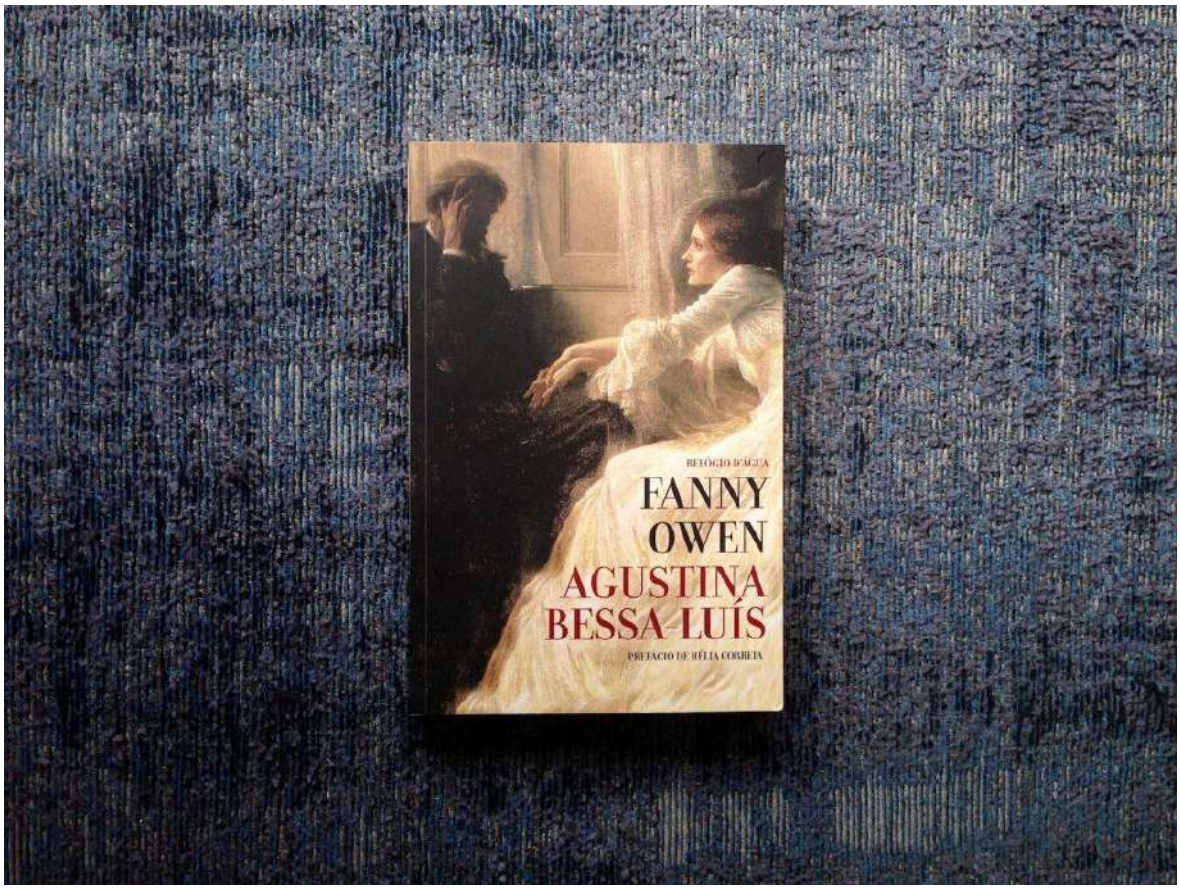
Manoel de Oliveira e Agustina Bessa-Luís / Fotografia de Alfredo Cunha

Inicialmente, é Maria, a irmã mais velha de Fanny, que José Augusto corteja, mas “a certeza de ser facilmente amado matava nele o amor” e, vendo em Fanny, que mantinha com Camilo uma relação mais íntima, um símbolo do inalcançável, deixa-se por sua vez seduzir por ela. Fanny torna-se um método de salvação. Como diz Agustina a certa altura, “Para ele, Fanny não era uma mulher cujas virtudes se revelariam fictícias no momento em que ela amasse. Era apenas uma imagem capaz de produzir na sua imaginação todas as metamorfoses necessárias para chegar ao próprio campo entrincheirado da paixão. José Augusto era um homem de paixão; Camilo, um homem de sensações. Entre eles estava Fanny, que servia ambos – os desejos insaciáveis e as fraquezas que nascem dos sentidos traídos.” Fanny não é, no entanto, meramente uma vítima da acção de José Augusto, é ela própria quem o intima a seguir com o rapto que não é mais que uma fuga de Fanny por ele auxiliada, exausta do ambiente que vivia em casa, fruto da relação opressiva que mantinha com a irmã e a mãe.

Mas a obsessão de José Augusto “provinha menos do amor que da insatisfação de certo modo sublime da sua existência”, impossibilitando qualquer possibilidade de sucesso numa relação que não deixa de perturbar Camilo, que a vê feita “com o meu desejo, a minha alegria, o meu sofrimento. Eu dei-vos uma alma e, com ela, tudo do que uma alma é capaz.” Camilo vê em si o arquitecto da união de Fanny e José Augusto, a relação deles o primeiro romance que compôs. Por ele criada e por ele disposta, a relação seria também por ele inevitavelmente destruída. “Eu posso embrulhar essa alma na minha sombra e levá-la comigo. E vocês, depois?” Fanny, “incapaz de se satisfazer com a realidade pelo muito que a sua imagem fora falsificada através dum sedicioso culto do prazer”, ficara apenas com o “simulacro do amor.”

Como propriedade própria do triângulo, não era só Camilo que fabricava a relação de José Augusto e Fanny, ela própria, “pólo libidinal de toda a intriga”, tornara “aquilo que foi uma simples afeição de boémios”, entre Camilo e José Augusto, numa obsessão desencadeadora de “acções exorbitantes.” José Augusto acaba por ser, ao mesmo tempo que o personagem mais complexo, o maior peão na história, e por entre uma crítica muito feroz às suas acções, há da parte de Agustina uma enorme clêmencia face aos actos por ele levados a cabo. Confessa admiradora da obra de Camilo escritor, não poupa as críticas à sua conduta pessoal, e se se propõe escrever este livro terá sido tanto pelo sórdido do

acontecimento como pelas responsabilidades de Camilo no mesmo. “Camilo usava a língua portuguesa para ficarmos informados sobre a sua vontade de poder, de conquistar a atenção, a fama e alma da Praça” e “aquele morgado [José Augusto], que seria inofensivo se o deixassem ser apenas um lógico com riscos hereditários, foi, nas suas mãos, um desgraçado acima das suas posses. E um personagem.” Com Agustina, o personagem tornou-se ele.



1922-2019

Agustina não desaparecerá. Há muito que era imortal. E ela sabia-o

agustina bessa luis escritora / adelino meireles

José Miguel Gaspar / Jornal de Notícias 06 Junho 2019 às 17:54

Afastada da vida pública há mais de dez após um AVC, escritora Agustina Bessa-Luís morreu esta segunda-feira, 3 de junho, na sua casa do Porto. Tinha 96 anos. O país curva-se perante o seu génio

É o mesmo que a dúvida, mas é mais, é hesitação, irresolução, é não querer acreditar permanentemente - foi isso, esse sentimento substantivo de perplexidade, que se investiu contra todos os que recebiam a notícia: Agustina morreu e ninguém queria crer. Mas a confirmação chegou na última hora da manhã desta segunda-feira, dia 3: a escritora Agustina Bessa-Luís morreu ontem aos 96 anos na sua casa do Porto, revelou a família sem precisar a causa da morte.

Superação é a palavra com que respirava há muito: afastada da vida pública desde 2006, a autora continuava a viver e superava há 13 anos um acidente vascular cerebral. As sucessivas sequelas trombóticas, de que nunca nada soubemos, foram ontem fatais.

"O presidente da República curva-se perante o seu génio e expressa aos seus familiares as mais sentidas condolências", dizia um comunicado da Presidência a que Marcelo Rebelo de Sousa acrescentou: "Há personalidades que nenhumas palavras podem descrever no que foram e no que significaram para todos nós: Agustina Bessa-Luís é uma dessas personalidades". E com Marcelo, todo o país se vergou (ler págs. 12 e 13).

Funeral: do Porto para a Régua

A cerimónia fúnebre da escritora decorre na Sé Catedral do Porto - o corpo estará em câmara-ardente - onde serão celebradas exéquias solenes presididas pelo bispo do Porto, seguindo depois para o cemitério do Peso da Régua, Vila Real, "onde será sepultado na intimidade da família", referiu o Círculo Literário Agustina Bessa-Luís, a associação criada em 2012 e que "tem por objeto específico ser um lugar de encontro de leitores e admiradores da obra de Agustina".

O Governo decretou para hoje um dia de luto nacional consagrado à autora de "A sibila", o seu terceiro livro entre mais de 50 e que a inscreveu na eternidade logo em 1954. A Câmara do Porto deliberou dois dias de luto municipal; o autarca Rui Moreira propôs um voto de pesar que será hoje votado em reunião de Câmara.

Na morte começa outra coisa

"Mais do que perplexo, quando recebi a notícia, fiquei agarrado, e não saberei dizer quanto tempo estive assim, à introspeção", confessou ao JN Eduardo Paz Barroso, presidente do Coliseu do Porto, professor catedrático de Ciências da Comunicação e autor de inúmeros ensaios sobre a escritora, mormente "O livro de Agustina, ou o romance de si". Fanático das suas "frases curtas, assertivas, definitivas e premonitórias", Paz Barroso estende uma lista de livros obrigatórios: ""Fanny Owen" e "Vale Abraão", livros de muito fácil leitura ao contrário do que se pensará, "Santo António", esse livrinho obscuro e maravilhoso, ou "Ternos guerreiros", um livro confessional e que foi a minha iniciação à sua obra, um livro estratosférico", diz a aconselhar. Mas aquele de que mais gosta, e que será o primeiro que vai agarrar quando regressar a casa, é "O livro de Agustina", a única autobiografia existente da autora. "É isso a autobiografia, ela transforma-se em personagem, é o romance de si", diz Paz Barroso a convocar a imortalidade: "Agustina disse que a morte é o começo de mais alguma coisa, de outra coisa. Mas dela, mais que a eternidade, importa falar do fulgor da intemporalidade, porque ela é universal, inesgotável, sempre moderna, contemporânea, como um museu que nunca conseguiremos esgotar".

Inesgotável, inclassificável

Nunca se acaba absolutamente de ler Agustina, distende Pedro Mexia, talvez o crítico literário que melhor lhe conhece a obra - a sua biblioteca possui 90% dos livros que lançou. "Agustina é um continente que me ocupa a vida inteira. Quando a li pela primeira vez, fiquei com a impressão que era uma autora que eu ia ler até ao fim da vida - é uma autora com uma obra vasta que exige um mergulho total nessa obra. Não é daqueles autores que quando os lemos está lido, temos sempre de a voltar a ler", disse ao JN.

"Agustina é o maior escritor português que conheci e li", diz Mexia, que é poeta, cronista e assessor cultural da Presidência da República. Vê escassos portugueses capazes de ombrear com ela: "Pessoa, Herberto, talvez Brandão e Nemésio. Não haverá mais", diz. "Parte da sua grandeza e estranheza tem a ver com essa dificuldade: não era como a sua geração nem como a geração que a sucede, sempre fez o que quis, sempre escreveu como quis, é inclassificável". O seu livro favorito dela é "Fanny Owen", "em que ela discorre sobre um episódio pouco edificante de Camilo, uma paixão trágica e ultrarromântica que ele usa como escritor-vampiro. É Agustina, leva-nos onde nunca sabemos que nos vai levar".

Imortalidade começou há muito

"Sinto-me como quando morreu Manoel de Oliveira porque inconscientemente alimentava a esperança de que Agustina, como ele, não iria morrer nunca", confessa Isabel Rio-Novo, autora da biografia "O poço e a estrada", livro lançado este ano e não autorizado pela família de Agustina que não terá gostado de alguns episódios esmiuçados no volume de 500 páginas.

Um dos episódios será este, em que louva o seu progressismo, "a sua faceta mais feminista do que muitas feministas": "Em 1944, aos 22 anos, ela tomou as rédeas do seu destino e publica no jornal "O Primeiro de Janeiro" este anúncio: "Jovem instruída deseja corresponder-se com pessoa inteligente e culta". Recebeu várias respostas, selecionou-as e estabeleceu correspondência. Um desses correspondentes era Alberto Luís, que veio de Coimbra ao Porto para a conhecer. Casaram no ano seguinte", descreve a biógrafa, que a classifica como "um grande e belo mistério que continuará a ser". E decreta: "A sua imortalidade começou há muito, não foi só agora na sua morte, e ela sabia disso, sabia que seria lida através do tempos, o que é verdade porque a sua obra, além de genial, é intemporal".

E sobre isso não há qualquer dúvida, concorda o escritor Mário Cláudio, que a promulga como "a grande figura do século XX da literatura portuguesa". "Vou recordá-la primeiro como leitor apaixonado da sua obra e depois como mestra, alguém que me ensinou o que é a escrita e a vida literária. Depois, vou

recordá-la como amiga, com quem partilhei muitos dias da minha vida, com um diálogo ameno e enriquecedor para a minha parte, absolutamente inesquecível", disse ao JN.

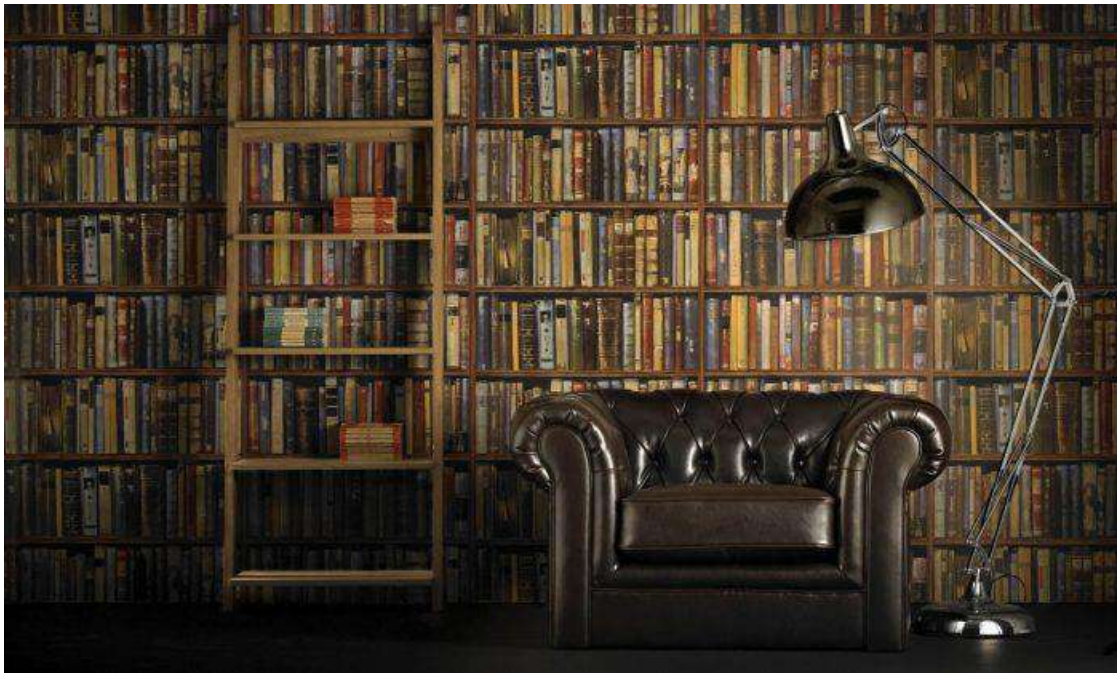
"Simbolicamente, Agustina tutelou o Porto com enorme poder e força e projetou-o na linguagem. É fascinante", diz o historiador que melhor conhece a Invicta, Germano Silva, que recebeu a notícia da morte "com frustração e grande desolação". Vizinho da autora em Vila Meã, Agustina prefaciou o primeiro livro de Germano, "Porto, uma cidade a descobrir", e disse dele: "Não sei de ninguém que tenha tanta e tão honesta informação da cidade, escreve coisas que me parecem destinadas", cita de cor o historiador, lembrando que em 2006 Agustina ainda lhe mandou o seu último livro, "A ronda da noite" e escreveu: "Ao Germano, com dedicação até ao infinito". Agora, o autor recorda-a eternamente no seu jardim, "na sombra de um castanheiro, lindo como uma escultura, ela muito bem posta como uma princesa de Rubens mas com aquele olhar de suprema inteligência, infinita e mordaz".

Quando se morre, morre-se mesmo

"Muito combalido" com "a notícia real da morte", o escritor e jornalista José Viale Moutinho, prestes a fazer 74 anos, madeirense há muitas décadas adotado pelo Porto, de quem a escritora dizia ser "um dos últimos românticos do bem-dizer", digladia-se silenciosamente com o adjetivo de dois géneros que todos puxam de forma lapidar: "Imortal, aquele que não morre, inextinguível, perdurável, pessoa cuja memória ficará para sempre". E Agustina - some-se agora a voz do autor de "Já os galos pretos cantam" - "é imortal pela sua obra", mas "quando se morre, morre-se mesmo e Agustina morreu-nos agora", diz. Seu "leitor e amigo", Moutinho postulou no Facebook: "Não estranhem, meus caros, que eu não apareça pelos lugares das exéquias, pois falta-me a força necessária para dizer adeus a alguém cuja genialidade reconheço ímpar e está comprovada pela sua obra notável e memória dos momentos comuns".

Passe pela Biblioteca | “Fanny Owen”, de Agustina Bessa-Luís

Por
Margarida Teodora Trindade / MedioTejo
-
10 de Junho, 2019



Convidámos os responsáveis das bibliotecas municipais do Médio Tejo a fazerem as suas recomendações neste espaço de forma alternada, às segundas-feiras. “Fanny Owen”, de Agustina Bessa-Luís, é a sugestão apresentada esta semana por Margarida Teodora Trindade, da Biblioteca Municipal Gustavo Pinto Lopes, em Torres Novas.

Passe pela biblioteca… e boas leituras!

É inevitável trazer aqui, esta semana, Agustina Bessa-Luís. Sugere-se a leitura de Fanny Owen (Guimarães Editores, 2009), mas nesta sugestão encerra-se a obra toda. Encontramos em Fanny Owen, como no universo da escrita de Agustina, a simultaneidade da intimidade e do distanciamento.

Mordaz, mas generosa, a escritora cedo nos inclui nas linhas da paixão e do desdém. Mas, as dicotomias que suportam este romance são bastantes e por isso é incontornável referir aquela que provoca a narrativa e que é a da amizade-rivalidade.

Todas as bifurcações e vínculos na relação entre personagens desembocam na trama de um romance que nos transporta para o imaginário do ambiente intelectual e boémio da cidade do Porto, e dos seus arredores campestres, em meados do século XIX, e que se desenrola a partir de acontecimentos verídicos.

Encontramos nele a voz de Camilo Castelo Branco justificada por Agustina no prefácio da obra em apreço: "Pareceu-me necessário e útil trazer Camilo Castelo Branco à luz da nossa experiência humana sem o traduzir na opinião de escritor que é a minha.".

Importa referir que foi também a partir de Fanny Owen que Manoel de Oliveira realizou o filme FRANCISCA, em 1981.

Ostensivamente fora de certa banalização da atual literatura contemporânea, diziam-na "versada no conhecimento profundo da alma humana". Sábia e arguta, Agustina inscreve pois em cada um dos seus leitores o interior de cada uma das suas personagens.

A obra dura e contracorrente da escrita de Agustina Bessa-Luís não permite ligeireza na abordagem. A consistência semântica e a profundidade, quer do estilo, quer da linguagem, requerem que o leitor esteja preparado para encarar um mergulho denso e demorado. Para tal, e para quem nunca a leu, avisa-se da coragem necessária para esse começo. Mas, dizem que a sorte sorri aos audazes. Lê-la é levar para casa o primeiro prémio.

Todavia, Agustina não é para meninos. Prestigiada, a sua escrita é aquela extraordinária refeição caseira e antiga que, sem ser demasiado sofisticada, é elegante. Ao mesmo tempo é tão farta e nutritiva que a leitura obriga a maturidade, à consciência do alimento e à demora necessária da digestão. Faz-nos crescer e esse mesmo processo encerra em si um verdadeiro ritual de passagem. A partir daí nenhuma leitura será como antes.

Mas, muito se tem escrito na última semana sobre Agustina e a sua obra, quase nada se consegue acrescentar e, também por prudência, não temos aqui essa veleidade.

"Cada livro é uma peregrinação; não precisa de passaporte e aviso que o distinga e lhe assegure hospitalidade." Assim diz ela no prefácio que a própria redigiu para Fanny Owen, nesta edição da Guimarães Editores (2009).

Parece-nos ser este o motivo ideal para que este livro encaixe na sugestão de leitura desta semana. Abusivo seria dizer mais.

Passe pela biblioteca ou consulte o catálogo online da Biblioteca Municipal Gustavo Pinto Lopes e verifique se este, ou outro, livro de Agustina está disponível para empréstimo.

Consagremos a escritora na leitura da obra que nos deixou.

Agustina, obrigado por teres esperado que te começasse a ler Fiquei bem servido. Ficámos todos.

ALEXANDRE COUTO 3 JUNHO, 2019

Frame do Documentário "Agustina Bessa-Luís - Nasci Adulta e Morrerei Criança" da produtora PANAVIDEO.

Agustina Bessa Luís faleceu hoje aos 96 anos, vítima da doença que marcara os últimos anos da sua vida. O texto que hoje publicamos é uma carta espontânea e sentida de um habitual colaborador do Shifter em reação à notícia da sua morte. Para além do que se escrever na impresa, será sempre a obra de Agustina o melhor texto para falar sobre si, por isso, com uma obra tão vasta e original, resta-nos recomendar a sua leitura. Foi na semana passada e até foi por causa da faculdade.

Estava a pensar em estudos interartes, na relação entre *Francisca* de Manoel de Oliveira e o teu romance *Fanny Owen — Fanny Owen é a obra de Agustina Bessa-Luís, a partir da qual Manoel de Oliveira criou o filme Francisca*.

Dei por mim impressionado por como fizeste de Camilo uma personagem tão camiliana. Depois dei por mim na tua prosa como numa sinfonia em crescendo.

Já se esgotaram os elogios possíveis à prosa de Agustina Bessa Luís. Num país em que os homens ainda são, tradicionalmente, os grandes escritores – serviu a tua obra de chapada de luva branca. Extensa, repleta de temas chave e de uma humanidade extraordinária, é-nos servida numa bandeja de frases bem articuladas, parágrafos musicais, diálogo louvável.

Mergulhado na tua obra, a tua partida parece ainda mais dura. Está certo que a tua idade ia avançada, mas eras um monumento vivo da literatura portuguesa. Foi com muito gosto que descobri os elogios que te fizeram, o teu doutoramento Honoris Causa — A Universidade Lusíada agraciou-a com o grau de Doutor honoris causa em 1999 e a Universidade do Porto, em 2005, em simultâneo com Eugénio de Andrade, por proposta da Faculdade de Letras — e a forma blasé com que levavas tudo isto.

Felizmente, fica a tua obra brutal, os teus livros complexos e ao mesmo tempo duros e doces. Na minha prateleira vejo Os Incuráveis, que me parece um bom alvo para depois desta Fanny Owen. Também vejo um Vale Abraão. Fiquei bem servido. Ficámos todos.